

Aborda movimentos de greve, por parte de "colonos", entre os anos de 1902 e 1903, assim como fugas de imigrantes. Ressalta, outrossim, a discriminação que existia com relação ao trabalhador nacional.

Essa obra de Warren Dean que versa sobre Rio Claro, vem, sem dúvida, concorrer com novos dados para a história regional. — **Lucy Maffei Hutter**

EISENBERG, Peter L. — The Sugar Industry in Pernambuco. Modernization Without Change, 1840-1910. University of California Press, Berkeley, Los Angeles, London, 1974, 239 pp., mapas, fotos e ilustrações.

Este livro foi inicialmente a tese de Doutorado de Peter L. Eisenberg, ex-professor de História Latino-Americana em Rutgers University, atualmente contratado pelo Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas. O principal objetivo desta sua obra foi acompanhar os processos de mudança e modernização na agro-indústria açucareira em Pernambuco. Na primeira parte (p. 3-118), o Autor aborda os seguintes temas relativos à "Crise Econômica":

- 1) A herança colonial no Brasil do século XIX;
- 2) A crise econômica: o declínio das exportações;
- 3) O progresso tecnológico;
- 4) A mobilização do capital através das fontes tradicionais;
- 5) Os engenhos centrais e as usinas: a modernização subvencionada.

Na segunda parte (p. 121-236) do livro, "A Crise Social", P. Eisenberg trata ainda dos seguintes tópicos:

- 6) A terra como base do poder;
- 7) A crise social: a escravidão e abolição gradual;
- 8) A conversão para o trabalho livre.

Acompanham a obra, em apêndices, 3 gráficos (a produção mundial de açúcar de beterraba de 1841 a 1910; a produção de açúcar de cana durante o mesmo período; o número de engenhos de açúcar de Pernambuco de 1761/75 a 1914); um glossário; um quadro de conversão de pesos e medidas tradicionais para o sistema decimal e 16 fotos antigas e gravuras referentes aos engenhos, usinas e à população ligada à tal agro-indústria.

Como fontes primárias o Autor utilizou-se notadamente de manuscritos e impressos consultados no Arquivo Público do Estado de Pernambuco e em outros arquivos do mesmo Estado, assim como de jornais, revistas e relatórios oficiais da época. — **Luiz R. B. Mott**

FERNANDES, Florestan — O Negro no Mundo dos Brancos — Difusão Européia do Livro, 1972 — S. Paulo, 285 págs.

O trabalho de Florestan Fernandes é composto por uma série de artigos já publicados anteriormente, alguns datando de 1942, 1943, 1951 e 1958. Outros foram escritos entre 1965 e 1969.

Apesar da grande importância destes trabalhos para a compreensão do drama do Negro e do Mulato no Brasil, esses ensaios permaneciam apenas ao alcance de

uns poucos especialistas e assim, virtualmente desconhecidos do grande público, exceto a parte referente a entrevista publicada em um jornal de S. Paulo.

A obra se divide em quatro partes e uma conclusão, assim denominada pelo autor:

1. As Barreiras da Cor
2. O Impasse racial Brasileiro
3. Em busca da Democracia Racial
4. Religião e Folclore

CONCLUSÃO: Aspectos Políticos do Dilema Racial Brasileiro.

A análise da situação do Negro e do Mulato se refere principalmente à cidade de S. Paulo considerada "mais tipicamente brasileira do que parece" e que representa "as duas dimensões, que articulam as experiências e contatos raciais seja ao tronco comum do regime escravocrata e senhorial, seja às transformações mais avançadas da "sociedade competitiva" e da "civilização industrial" no Brasil. Entretanto há considerações a respeito da Bahia e Pernambuco, estabelecendo-se um paralelo com S. Paulo.

O leitor encontrará ainda dois artigos referentes a manifestações religiosas do meio negro de Sorocaba (SP) sendo um "Congadas e Batuques de Sorocaba", que trata do sincretismo religioso com traços de origem africana e outro um ensaio "sociográfico" sobre a liderança carismática de João de Camargo, um ex-escravo que organizou um culto de base sincrética de grande prestígio em Sorocaba.

O artigo incluído no item sobre Religião e Folclore, denominado "Representações Coletivas sobre o Negro: O Negro na Tradição Oral" merece destaque pelo fato de traçar um perfil bastante convincente dos estereótipos negativos sobre o Negro na tradição oral de S. Paulo.

A obra de F. Fernandes possui forte compromisso com a "democratização racial" da sociedade brasileira e com o "desmascaramento do 'mito' da igualdade racial no Brasil".

O autor que foi aluno de Roger Bastide e realizou pesquisas de parceria com este, não procura afirmar que a desvantagem do negro e do mulato em termos de acesso aos benefícios da "sociedade Industrial" decorra do simples aspecto racial, mas de condições sócio-econômicas objetivas ligadas ao passado escravocrata senhorial da sociedade brasileira e à preterição do elemento negro e mulato em favor dos imigrantes no período pós-Abolicionista, o que determinou a permanência do Negro na camada mais baixa da sociedade brasileira, despojado, portanto, dos eventuais benefícios que a promoção desse estrato racial de escravo para cidadão pudessem trazer.

Portanto, não há uma correspondência entre a ideologia da igualdade racial e da ausência total de barreiras de cor no Brasil com a realidade vivida pelos elementos negro e mulato.

O aparente "paraíso racial" existente no Brasil seria instrumento ideológico das Classes Brancas dominantes, enfatizados vigorosamente e assim disfarçado a ponto de iludir organismos internacionais como a UNESCO, interessado na campanha contra a discriminação racial.

Sem dúvida, entretanto, é possível a mobilidade vertical ascendente de indivíduos de cor, mas este processo se verifica sob condições tais como a caráter individual da mobilidade, implicando no "branqueamento" do negro que perde a sua identidade e se desvincula dos mais negros das camadas mais baixas, impossibilitando assim a organização de movimentos reivindicatórios ou revolucionários de ca-

ráter coletivo; o que ofereceria oportunidade para o rompimento do "status quo" atual desfavorável ao negro.

Trata-se do mecanismo da "exceção que confirma a regra", ou seja o negro poderá "subir" socialmente não o fazendo por negligência, preguiça etc., segundo a ideologia dos "Branco". Portanto, o negro que ascende socialmente, especialmente o de classe média "branqueia" e nada reivindica ou contesta, comportando-se de forma "cortez" e "calculista" diante do "Branco", descomprometido, portanto, com seus iguais de raça e classe.

O grupo branco dominante se comporta de forma insensível diante do drama do negro e não permitiu que os movimentos políticos do meio negro se desenvolvessem, embora os negros não contestassem a "ordem social vigente" e simplesmente propugnassem por uma reforma dentro da ordem de uma sociedade capitalista. Ao contrário, esses movimentos do "meio negro" foram vistos como "racismo" dos negros que estariam ameaçando a existência do "paraíso racial" brasileiro e assim foram tratados como um caso de polícia, pois o negro estaria "esquecendo o seu lugar".

Por outro lado, o autor não nega a ocorrência de certas condições vantajosas que dariam ao Brasil possibilidades de se tornar uma verdadeira democracia, não em função do processo de mestiçagem que se verificou historicamente, pois está comprovado que a miscigenação não exclui a existência de preconceitos e barreiras raciais no Brasil.

Finalmente, a posição do negro na sociedade brasileira decorre do fato da abolição da escravidão ter sido uma revolução feita do Branco e para o Branco, à revelia da população negra e mulata, a qual não recebeu nenhuma indenização ou preparo para enfrentar o "trabalho livre na pátria livre".

Assim se revela ao grande público mais uma faceta da já bem estudada e caracterizada incongruência da ideologia racial brasileira e da imagem do Brasil exposta aos olhos dos próprios brasileiros e do mundo com a amarga realidade racial, já denunciada em outros momentos por Bastide, Nogueira, Ianni, F. H. Cardoso, Borges Pereira, Costa Pinto e outros. — **Romero Ximenes Ponte.**

FIGUEIREDO, Guilherme — **PARIS, 14 Rue de Tilsitt.** Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1975.

A SAGA DA TRADICIONAL FAMILIA CAMPINEIRA

Por certo que discretos bocejos não chegavam a comprometer o êxito dos saraus familiares. Entretanto, já menos tediosos eram os "assustados" no Clube Campineiro, além dos quais o chope encolarinhado da **Cidade Múnchem** no Largo da Catedral ou do **Christofani**, na então badalada rua Barão de Jaguará, constituíam os extremos daquele quadro de bom comportamento.

Para ultrapassá-lo, só mesmo os fazendeiros-barões, que numa escapulida periódica até Paris, logo ali, desrotinizavam o provincianismo daquela vidinha.

Esse vaivém até a festa parisiense acabou por criar um folclore no Velho Oeste Paulista, até hoje curtido com certa prosápia por algumas famílias locais e agora recuperado pela sensibilidade de Guilherme Figueiredo em seu último romance(*).

Na moderna literatura brasileira, o autor é um caso singular pela variedade e riqueza de suas produções, onde o teatro, a ficção, a poesia e o humor compõem um perfil de refinamento.